

O uno e o múltiplo na filosofia leibniziana

Jaadiel Rocha dos Santos (PIBIC/CNPq – UFRN)

Orientador: Prof. Dr. Juan Adolfo Bonaccini

Introdução

O problema do uno e do múltiplo na filosofia de Leibniz tem como fundamento o seu posicionamento em defesa de uma harmonia preestabelecida do universo. Neste trabalho, além de se querer mostrar a causa ou origem do pensamento leibniziano, quer-se submeter a uma análise a maneira pela qual o filósofo alemão explicou como funcionava a arquitetura cosmológica, envolvendo multiplicidade e unidade dentro de uma idéia de harmonia. Yvon Belaval, em seus “*Études leibniziennes*” diz que “o leibnizianismo se apresenta como um conjunto monadológico que podemos abraçar sob diversas perspectivas”¹. Fazendo uso da liberdade que nos oferece a monadologia, o trabalho quer abordar a maneira como se fundamenta o pensamento de Leibniz para justificar as mônadas a partir da própria monadologia, quer dizer, mostrar como Leibniz consegue vislumbrar uma multiplicidade dentro da unidade, respeitando o princípio da harmonia preestabelecida.

* * *

Como se verá num primeiro momento, a posição de Leibniz com relação à idéia de harmonia está invertida na medida em que o autor concebe a multiplicidade dentro da unidade; o problema maior que se afigura, nesse sentido, é conseguir extrair de seu pensamento, a maneira pela qual ele resolveu a seguinte questão: como pode um ser simples, ao mesmo tempo ser múltiplo?

É interessante, antes de qualquer coisa, procurarmos saber que antecedentes levaram o filósofo alemão a concluir os eu sistema filosófico dessa forma. No “*Système Nouveau*” quando o próprio Leibniz faz o relato das origens de suas idéias, diz o seguinte:

No início, quando me libertei do jugo de Aristóteles, inclinei-me para a teoria dos átomos e do vazio, porque esta concepção satisfaz melhor a imaginação. Mas tendo-a superado, percebi, depois de uma longa meditação, que é impossível encontrar os princípio de uma unidade real apenas na matéria, ou naquilo que é apenas passivo visto que a matéria nada mais do que uma coleção ou agregado de partes “*ad infinitum*”. Pois bem, uma multiplicidade só pode derivar sua realidade de unidades genuínas, que vêm de outras partes e são completamente diferentes dos pontos matemáticos, os quais são apenas extremidades do extenso e modificações, dos quais é certo que o contínuo não pode ser composto. Conseqüentemente para encontrar essas unidades reais, fui obrigado a recorrer a um ponto real animado².

Numa primeira análise, nota-se que o motivo levado a cabo por Leibiz pelo qual ele propõe uma multiplicidade fundada na unidade, é, em certa medida, a sua insatisfação diante da doutrina cartesiana da matéria, cuja dificuldade de explicar o contínuo e o infinito real, em face da divisibilidade infinita da *res extensa*, afastou-o da concepção do filósofo francês.

Existe, porém, outro aspecto na interpretação para o que foi dito anteriormente. Leibniz, diferentemente de Descartes, que imaginava um mundo geométrico e mecânico, concebia um universo dinâmico derivando sua realidade do resultado da variação da quantidade de força e da atividade dos organismos, mas não da variação de movimento, como na concepção cartesiana. Leibniz achava que o que se conserva num ciclo não era o movimento, mas a quantidade de força despendida pelos organismos.

Para Descartes, espaço e matéria se identificam. O que constitui o mundo, realmente, são a matéria e o movimento. O filósofo francês queria afirmar o mecanicismo frente a noção escolástica de *forma substancial*. Para Descartes, a *forma substancial* seria uma confusão entre a idéia de extensão e do pensamento; ele negava que esta entidade metafísica fosse, de fato, algo que confirmasse e justificasse a distinção entre a alma e o corpo, tentando banir de sua física o finalismo pelo qual se pautava toda a tradição aristotélico-escolástica. Descartes imaginava a matéria ocupando um lugar no movimento, por assim dizer, caótico.. ele vai dizer que:

Descrevi essa matéria e procurei representá-la de tal modo que nada há no mundo, parece-me, mais claro nem mais inteligível, exceto o que há pouco foi dito sobre Deus e alma; pois supus mesmo, expressamente, que não existia nela nenhuma qualidade acerca das quais se disputa nas escolas, nem, de modo geral, qualquer coisa cujo conhecimento não fosse tão natural às nossas almas, que não pudesse mesmo fingir ignorá-las³.

Esta discussão de Descartes com a física escolástica, embora não possa ser alongada aqui, deixa visível a polêmica doutrina que trata acerca das idéias claras e distintas, e da redução da matéria à extensão.; Leibniz jamais poderia aceitar este posicionamento, uma vez que para ele todo corpo extenso é divisível ao infinito, e, portanto, nada haverá de realmente último. De acordo mesmo com a tradição, supressa a *res extensa*, só resta a "*res cogitans*". portanto, são elementos espirituais os constituintes da realidade, à maneira do *cogitans sum*, algo real e ao mesmo tempo indivisível e último, pois inextenso.

Leibniz vai dizer na "Monadologia":

A mônada, de que falaremos aqui, é apenas uma substância simples que entra nos compostos. Simples quer dizer: sem partes... visto que há compostos, é necessário que haja substâncias simples...ora, onde não há partes não há extensão, nem figuras, nem divisibilidades possíveis, e assim, as mônadas são os verdadeiros "átomos da natureza" e, em uma palavra, os elementos das coisas⁴.

Esta concepção de matéria, como já se disse anteriormente, coloca Leibniz em posição extrema a Descartes, e, a o mesmo tempo, o faz pensar sobre um princípio de atividade que revive, em certa medida, o modelo estóico, e pelo qual o mundo é visto como sendo portador de uma organicidade cujas partes são envolvidas numa harmonia natural, e onde tudo é análogo a tudo.

Para Leibniz, a extensão não constituía, como imaginava Descartes, a essência da matéria. No “Discours de Métaphysique” o pensador alemão vai dizer que:

...toute la natura du corps ne consiste pas seulement dans l'étendue, c'est à dire dans la grandeur, figure et mouvement, mais qu'il faut nécessairement y reconnaître quelque chose qui ait du rapport aux amês, et qu'on appelle communément forme substantielle...⁵

Georges Le Roy em seus comentários ao “Discours de Métaphysiques” atenta para o fato de que Leibniz pretende fundamentar a noção de *forma substancial* dizendo que a extensão, ela sozinha é insuficiente para dar conta do fundamento dos fenômenos. A discussão que quer saber que lugar Leibniz reservou às mônadas na sua filosofia, portanto, tem sua função básica delimitada pela tradição escolástica que concebe a noção de forma substancial.

Para Leibniz, a natureza da substância, de fato, não consistia na extensão, isto é, no tamanho, na figura etc. Leibniz diz que é necessário reconhecer alguma coisa relacionada com as almas, que... “vulgarmente se denomina forma substancial”⁶, e vai além, dizendo que “pode-se mesmo demonstrar que a noção de tamanho, figura e movimento não possui a distinção que se imagina e que contém algo imaginário e relativo às nossas percepções...”⁷

O princípio de atividade, no pensamento de Leibniz, constitui-se num elemento fundamental da ordem interna das mônadas, estabelecendo a acomodação e distribuindo uma quantidade de força por igual no mundo, determinando, assim, o movimento interno das mônadas. Segundo Leibniz, tais mudanças são contínuas em cada uma das mônadas.

...Nada se lhes pode transpor, nem se pode perceber nela algum movimento interno que, de fora, seja excitado, dirigido, aumentado ou diminuído lá dentro, como nos compostos, onde há mudanças entre as partes. As mônadas não têm janelas por onde qualquer coisa possa entrar ou sair⁸

Isto fica dito: as mônadas, que são criadas, dependem que Deus as conserve continuamente e as produza por emanção, assim como são produzidos nossos pensamentos. Também no “Discurso de Metafísica” Leibniz justifica o princípio de atividade interno das substâncias simples dizendo o seguinte: “Uma substância só poderá começar por criação, e só por aniquilamento perecer; não se dividir uma substância em duas, nem de duas se formar uma, e assim, naturalmente, o número de substâncias não aumenta nem diminui, embora freqüentemente elas se transformem”⁹.

Em Descartes, a concepção de matéria se esgota na junção do atributo força ao conceito de matéria, porém, em Leibniz, antes de tal concepção esgotar o seu sistema, o conceito de matéria adicionado ao conceito de força, revigora-lhe a idéia e o faz pensar em mônadas, substâncias simples, sem partes, como está descrito no início da "Monadologia". A multiplicidade, diz Leibniz, não pode ser a junção das partes da pura matéria; a multiplicidade é composta por unidades genuínas, pontos metafísicos, reais e animados por aquele que os criou. Segundo o pensador alemão, a unidade não pode ser um ponto material, fixo, pensado matematicamente e contendo extensão. A extensão não pode constituir, somente ela, o atributo existencial da matéria. Porque as mônadas não têm partes, senão, não seriam as unidades genuínas e originais.

Jacques Ryvelaygue, num primeiro instante da abordagem da monadologia, quando está identificando o que é comum, ou melhor, quando está discorrendo sobre o que é da natureza das próprias mônadas, reconstitui o argumento leibniziano da seguinte maneira:

Ces monades sont lês véritables "atomes de la nature" – écrit Leibniz, mais il s'agit d'atomes métaphysiques, puisque dans l'atomisme de Démocrite et dans l'atomisme de Démocrite et des matérialiste antiques, lês atomes sont physiques et occupent donc, um space. Atomes métaphysiques, les monades auront ainsi une unité véritable, elles seront véritablement indivisible, puisque précisément n'occupent l'espace, on ne pourra distinguer dès parties: elle seront, donc, absolument simples¹⁰.

A extensão ao constitui o elemento de subsistência da mônada. A mônada, em sua simplicidade primitiva, não necessita de distinção por partes; as mônadas não ocupam espaço; elas são pontos metafísicos reais e animados por emanação divina.

BIBLIOGRAFIA

- BELAVAL, Yvon. *Études leibniziennes*. Paris: Galliamard, 1975.
- LEIBNIZ, Gottfried. *Discours de Métaphysique*. Paris: Librairie philosophique, 1984.
- _____. *Die Philosophischen Schriften*, herausgegeben von C. I. Gerhardt, Berlim, Weidmannsche Buchhandlung, 1872. Reimpressão facsímil: Hildeshim, G. Olms, 1996 (7 vols).
- LE ROY, Georges. *Introduction, texte et commentaire*. Paris: Vald Rasmussen, 1984.
- RIVEYLAGUE, Jacques. *Leçons de Méthaphysique allemand*. Paris: Bernard Grasset, 1990.
- RUSSEL, Bertrand. *A filosofia de Leibniz*. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Editora da Universidade de São Paulo, 1968.

NOTAS

¹ Belaval, Yvon – “Études leibnizienne” – Gallimard – pp 87.

² “Au commencement, losrque je m’estai du jouge d’Aristote, j’avois donné dans lês atomes, car c’est ce qui remplit lê mieux l’imagination. Mais en estant revenu, àpres bien s de meditations, já m’aperceus, qu’il est impossible de trouver les princípès d’une veritable unité dans la matière seule ou dans ce qui n’est que passive, puisque tout n’y est que colection de parties jusqu’a l’infini. Or, la multitude ne pouvant avoir les realités que des unités veritable qu viennent d’ailleurs et sont tout autre chose que les points mathematiques qui ne sonte que dès estremités, de l’étendu et des modifications dont il est Constant, que le continuum ne sçauroit estre composée. Donc pour trouver ses unités reelles, je fus contraint de recourir à un point reel et anime. (Gerh. IV, pp. 487).

³ Discurso do Método, pp.75.

⁴ § 1, 2 e 3, pp. 105.

⁵ “Toda a natureza do corpo não consiste somente na extensão, quer dizer, na grandeza, figura e movimento mas é necessário que se reconheça qualquer coisa que tenha relação com as almas e que se chama comumente foram substancial” § 12, pp. 46.

⁶ “Discours de Métaphysique” § 12, pp. 127.

⁷ Idem, Ibidem.

⁸ A Monadologia – § 7

⁹ § 9, pp. 125.

¹⁰ “Estas mônadas são os verdadeiros “átomos da natureza” mas eles operam como átomos metafísicos por que no atomismo de Demócrito e dos materialistas antigos, os átomos são físicos e ocupam, então, espaço. Átomos metafísicos, as mônadas serão verdadeiramente indivisíveis, porque precisamente não ocupam espaço. Não se pode distinguí-la por partes: elas serão, então, absolutamente simples. “Leçons de Métaphysiques”